

# ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DO ESPAÇO URBANO NA MODERNIDADE

## *SOME REFLECTIONS ON AGING PROCESS OF URBAN SPACE IN MODERNITY*

Pedro Ricardo da Cunha NÓBREGA<sup>1</sup>

### RESUMO

A sociedade moderna se dá, entre outras coisas, como reflexo de um processo de expansão do capital, que caminhou desde uma lógica industrial até uma lógica financeirizada, especulativa e virtual (não necessariamente de maneira linear). Fenômeno este que implica na construção de um espaço social que inexoravelmente obedece à lógica semelhante. Neste sentido, a noção de juventude e envelhecimento está vinculada à capacidade produtiva, além do que os mecanismos de renovação dos espaços são realizados a partir dos interesses de reprodução e realização do capital. O que impõe uma hierarquização dos lugares, relegando às localidades não privilegiadas uma posição precarizada no processo de reprodução do espaço social, no mundo moderno. A partir deste foco é possível refletir acerca do processo de envelhecimento do espaço urbano na modernidade. As reflexões desde pequeno texto foram construídas a partir do método regressivo progressivo de Lefebvre, com um viés direcionado para o momento fenomenológico possível através da concepção de Heidegger, e um momento de superação da fenomenologia com o entendimento da materialidade do espaço apresentada na obra de Milton Santos, os procedimentos metodológicos estão baseados na revisão da literatura, bem como a observação e pesquisa sobre a realidade de grandes cidades brasileira, com ênfase na cidade do Recife.

**Palavras-chave:** Espaço Urbano; Envelhecimento do Espaço; Urbano na Modernidade.

### ABSTRACT

The modern society is given, among other things, as a result of a process of expansion of capital, who has walked from industrial logic to a logic financialized, speculative and virtual (not necessarily linearly). Phenomenon that involves the construction of a social space that inexorably follows the similar logic. In this sense, the notion of youth and aging is linked to productive capacity, in addition to the renewal mechanisms of spaces are made based on the interests of reproduction and realization of capital. What imposes a hierarchy of places, relegating to locations not privileged position precarious in the process of reproduction of social space in the modern world. From this focus can reflect on the aging process of the urban space in modernity. The reflections from small text were built from the regressively progressive method from Lefebvre, with a bias directed to the phenomenological moment possible by designing Heidegger, and a time to overcome the phenomenology with the understanding of the materiality of space presented in the work of Milton Santos, the

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.

procedures are based on the literature review, as well as the observation and research on the reality of large Brazilian cities, with an emphasis on the city of Recife.

**Keywords:** Urban Space; Aging of Space; Urban in Modernity.

## 1. NOTAS INTRODUTÓRIAS

O espaço urbano e a cidade, de forma análoga e complementar, são resultado da acumulação desigual de tempos (social). Assim, ao longo do processo histórico de formação, o espaço em que a cidade se materializa acompanha, entre outras coisas e outras centralidades, o movimento de inovação e difusão das técnicas que influenciam diretamente na concepção formal da materialidade urbana. O sistema técnico acaba por imprimir no mundo construído marcas de uma temporalidade precisa, assim, como afirmava Milton Santos (2002, p. 54), o mundo é datado. Por isso, é possível pensar que de certo modo o espaço (totalidade mundo em movimento), em sua forma fragmentada, envelhece ou entra em estado de obsolescência quando não está de acordo com os processos de inovação do sistema de objetos técnicos.

Diante de um mundo capitaneado pelo modo de produção capitalista, é impossível pensar que o processo de produção não se dê de forma desigual, o que quase inexoravelmente reforça condições de precariedade que são constantemente diluídas em imagens, signos e representações que priorizam o belo, o rico, o jovem e o moderno. Como símbolo máximo de uma sociedade do espetáculo, como acenava Guy Debord (1991), a vida é produzida e reproduzida a partir de vínculos conectados pura e simplesmente por uma lógica formal que achata o espaço em uma forma-conteúdo simples em que segundo Lefebvre (2006, p. 28-29) acaba por cair em uma dupla ilusão, *a ilusão da transparência do espaço*<sup>2</sup> e *a ilusão realística*<sup>3</sup>. O caminho percorrido pela constituição de uma sociedade do espetáculo que indissociavelmente põe a centralidade do movimento de reprodução da vida em bases

---

<sup>2</sup> A ilusão da transparência – o espaço [...] oferece seu campo livre à ação. O que se realiza no espaço maravilha o pensamento: sua própria encarnação num *desígnio* (ou desenho, a proximidade dessas palavras tem um sentido). O *desígnio* serve de mediador, ele próprio fiel, entre a atividade mental que inventa e a atividade social que realiza; o *desígnio* se desenvolve no espaço. A ilusão da transparência se confunde com aquela de uma inocência do espaço: sem ciladas, nem esconderijos profundos. O dissimulado, o oculto, portanto o perigoso se opõe à transparência, apreensível por um lance de olhar do espírito que ilumina o que contempla (LEFEBVRE, 2006, p. 28).

<sup>3</sup> A ilusão realística – Ilusão da ingenuidade e dos ingênuos, já os filósofos, os teóricos da linguagem, a denunciaram sob diversos pretextos e vocábulos: naturalidade, substancialidade. Segundo os filósofos de boa velha tendência idealista, a credulidade particular no senso comum acarreta a adesão ao “puro” pensamento, ao Espírito, ao Desejo. O que remete da ilusão realística àquela da transparência (LEFEBVRE, 2006, p. 29).

formais cria mecanismos e representações que apontam para um conjunto de valores que facilmente desconsideram os processos e os conteúdos e ajusta o foco de reflexão na forma.

Nesse sentido, o espaço acaba sendo produzido obedecendo a um movimento de modernização que acompanha uma ética capitalista, por isso, uma lógica produtiva.

O espaço social contém, designando-lhes lugares apropriados (mais ou menos), *as relações sociais de reprodução*, a saber, as relações bio-fisiológicas entre os sexos, as idades, com a organização especificada da família - e *as relações de produção*, a saber, a divisão do trabalho e sua organização, portanto as funções sociais hierarquizadas. Estes dois encadeamentos, produção e reprodução, não podem se separar: a divisão do trabalho; todavia, o espaço social discerne essas atividades para “localizá-las”. Não sem fracassos! (LEFEBVRE, 2006, p. 30).

Aparecem os entrecruzamentos existentes no espaço que capturam as sutilezas do processo de produção e reprodução, uma vez que envolve a prática social, as representações do espaço e os espaços de representação que nos propõe Lefebvre (ibidem, p. 31)<sup>4</sup>. O espaço social é o reflexo da própria sociedade.

Chega-se, com o exposto nas linhas antecedentes, que assim como os indivíduos e a sociedade, os espaços acompanham o movimento de reprodução da vida. Assim, a cidade e o espaço urbano se tornam reflexo e refletem atributos da própria sociedade, o que não implica em uma transferência de características humanas aos espaços. Entendendo os limites, apresentam-se reflexões sobre o envelhecimento do espaço, e esse envelhecimento aparente do espaço se torna uma problemática quando é entendido como uma condição de obsolescência, o que faz com que fragmentos da matriz da vida sejam subutilizados e diminuam de ‘importância’ social.

## **2. MONTANDO CENÁRIOS TEÓRICOS PARA A INVESTIGAÇÃO DO ENVELHECIMENTO DAS ESTRUTURAS NO ESPAÇO**

Entendendo que a produção do espaço e a compreensão da realidade passam por elementos subjetivos que necessitam se apoiar na construção do mundo concreto, há um

---

<sup>4</sup> A prática social [...] assegura a continuidade numa relativa coesão. [...] As representações do espaço, ligadas às relações de produção, à “ordem” que elas impõem e, desse modo, ligadas aos conhecimentos, aos signos, aos códigos, às relações “frontais”. [...]. Os espaços de representação, apresentando (com ou sem código) simbolismos complexos, ligados ao lado clandestino e subterrâneo da vida social, mas também à arte, que eventualmente poder-se-ia definir não como código do espaço, mas como código dos espaços de representação (Ibidem, p. 31).

movimento de captura do mundo que serve para repensar materialidades e construir novas formas de entender o sentido da constituição dos espaços construídos.

Utilizando do pensamento de Heidegger, encontra-se o ente sinal como um “instrumento que indica estruturas ontológicas” (TOLFO, 2000, p. 140). E assim, o próprio Heidegger (1997, p. 126-127) escreve:

O sinal não está apenas disponível junto com outro instrumento, mas, em sua disponibilidade, o mundo circundante (*Umwelt*) se torna, cada vez, explicitamente acessível à circunvisão. O sinal está onticamente disponível e, enquanto esse instrumento determinado desempenha, ao mesmo tempo, a função de alguma coisa que indica a estrutura ontológica de disponibilidade, totalidade de remissão e mundanidade.

Ou seja, o sinal é o grande mediador entre aquilo que se apresenta pela forma, e aquilo que se é pela estrutura. Podendo assim revelar características das funções e dos processos que estão ligados intrinsecamente a determinado ser.

E, com isso, o sinal é um ente, um recurso filosófico na ajuda de identificação daquilo que está em processo de envelhecimento. É como se fosse possível, através dos sinais de “juventude” e “velhice”, identificar as principais questões pertinentes ao processo de envelhecimento das estruturas urbanas, e também da sociedade que a enreda, apoiada em uma perspectiva fenomenológica do mundo<sup>5</sup> que não nega o movimento de produção do espaço, o sinal aparece como um elemento que media as relações de produção e da representação do espaço, compreendendo um momento da análise materialista e dialética do espaço urbano.

Os sinais do velho e do novo funcionam como um filtro de entendimento da realidade, uma vez que interferem na forma de ação e percepção do mundo em que as manifestações da vida acontecem. Esse mundo, como alertava Heidegger, é o local da mundanidade; é onde o ser desempenha as suas atividades e se reconhece como pertencente

---

<sup>5</sup> 1) O conceito "mundo" é empregado como termo ôntico e designa a totalidade dos entes que podem estar presentes no mundo: mesas, cadeiras, leões, bicicletas, números, fórmulas, etc. (Welt wird als ontischer Begriff verwendet und bedeutet dann das All des Seiendes, dass innerhalb der Welt vorhanden sein kann) (SZ, p.64). 2) Mundo tem o papel de um termo ontológico e significa o ser dos entes como os citados acima no item 1. (Welt fungiert als ontologischer Terminus und bedeutet das Sein des unter n.1 genannten Seienden) (SZ, p.64). “Mundo” é a região que abarca a totalidade dos entes. 3) A noção de mundo refere-se ao próprio ser-aí (Dasein). Mundo quer dizer: este em que (Worin) o ser-aí (Dasein) concreto vive. Por ex., o seu mundo pessoal ou seu mundo público. Mas ela é, todavia ôntica na medida em que se limita a mostrar onde o ser-aí (Dasein) vive, sem analisar a "estrutura intrínseca" que torna esta vida possível (ela tem uma significação pré-ontológica - eine vorontologisch-existenzielle Bedeutung). E esta compreensão todos nós já sempre temos uma vez que em nós está em jogo nosso próprio ser. 4) O termo mundo significa a noção ontológica existencial da mundanidade. Esta noção é ontológica porque visa à estrutura do ser-no-mundo, o que pertence necessariamente a cada mundo como tal - a mundanidade. Ela é existencial na medida em que é um elemento estrutural do ser-aí (Dasein). (HEBECHE, 1999, p. 3).

a um conjunto político, social, econômico e culturalmente concebido. Assim, a própria percepção do que é velho e o que é novo vai sendo relativizada com base em cada grupo social.

Enfatiza-se que “a noção de mundo refere-se ao próprio ser (...) [e o local] em que (...) o ser-aí (Dasein) concreto vive. Por exemplo, o seu mundo pessoal ou seu mundo público” (HEBECHE, 1999, p. 3).

O sinal assume a função de indicar estruturas ontológicas, e assim, tende a se apropriar da realidade do ser a partir do que revela os seus elementos. Quando os seres, que em Heidegger são aqueles seres que têm consciência da própria existência e podem interferir no mundo através das ações (*Dasein*), fazem uso do sinal é possível entender o mundo que o circunda (*Umwelt*) a partir de uma nova forma de enxergar o mundo. Inaugura-se assim uma forma ampla de analisar e entender a existência. Com isso, essa forma de enxergar faz com que o mundo seja revelado com base numa visão panorâmica em que cada envergadura que ele possui seja revelada<sup>6</sup>. (TOLFO, 2000, p. 141).

É preciso entender que o processo de envelhecimento e o seu oposto, a juventude, nos espaços e unidades materiais (objetos e coisas) acontecem por intermédio de algum fenômeno que exhibe uma marca no tempo e no espaço. É com base na necessidade de entender o processo que forma a lógica da dinâmica do espaço no tempo, e assim identificando pistas para o processo de envelhecimento das estruturas urbanas que se busca apoio à luz das ideias de Milton Santos. Entender a lógica que anima a natureza do espaço e os elementos que o compõe numa sociedade fruto de um meio técnico, científico e informacional.

O objeto, em última análise e respeitando outros sentidos, é a própria criação da realidade, por intermédio da “força” humana e da sociedade, não tem significado<sup>7</sup> quando se apresenta descontextualizado<sup>8</sup> de sua origem, pois, a realidade do objeto é por si mesmo apenas uma realidade apresentada com base em sua constituição material<sup>9</sup>. O tecido intrínseco a cada objeto é formado pela essência do material que o originou, mas também pelo conjunto de interferências e elementos que o circunda. É a partir dessa lógica que a

---

<sup>6</sup> Se o sinal mostra o mundo circundante e, se o mundo evidencia-se na ocupação do mundo circundante, então, o sinal indica o mundo. Entretanto, não é apenas o fenômeno do mundo (a mundanidade) que o sinal indica. Ele também indica a estrutura ontológica da disponibilidade e totalidade das remissões. (TOLFO, 2000).

<sup>7</sup> O objeto tem autonomia de existência, mas não tem autonomia de significação (Ibidem, p. 156).

<sup>8</sup> (...) “um objeto tomado isoladamente tem um valor como coisa, mas o seu valor como dado social vem da sua existência relacional (Ibidem, p. 156) Caráter contingente E. Laclau (1990, p. 119)”.

<sup>9</sup> Objeto tem uma realidade “per si” que vem da sua constituição material (SANTOS, 2002, p. 156).

organização interna do objeto revela a sua composição, que só poderá ser alterada com base em uma teia relacional de influências<sup>10</sup>.

Todo objeto tem por necessidade, haja vista a sua condição de elemento material, um lugar - ou seja, todo objeto assume um endereço espacial/geográfico que é ao mesmo tempo nítido e fixo - e uma idade que representa o seu conteúdo temporal<sup>11</sup>. Contudo, a idade do objeto se apresenta com o mesmo grau de importância que Santos (2002, p. 158) havia apresentado, ou seja, “a idade do objeto é a chave de tudo”. E assim, a junção entre o lugar e a idade dos objetos evoca a necessidade de uma sequência entre os eventos que compõem a materialidade do mesmo, pois, os objetos engendram as ações do território com base numa lógica de instalação, já que no espaço a ordem de instalação das coisas (objeto) influencia no resultado final da paisagem.

A duração física não pode ser completamente conhecida com autoridade, porque o comportamento dos objetos em tal ou qual meio é apenas imaginado em função da resistência dos materiais, mas só depois que um objeto é instalado e utilizado é que sabemos quanto tempo dura aquela estrutura inicial (SANTOS, 2002, p. 158).

A condição de envelhecimento dos materiais vinculados ao objeto reflete uma das vertentes do próprio processo de envelhecimento das coisas, outra vertente seria o envelhecimento social e relacional, e a partir disso se apresenta a pergunta: *Até que ponto o envelhecimento material das estruturas e dos objetos pertencentes ao espaço urbano revelam uma condição de envelhecimento das estruturas de fato?*

Recorrendo aos argumentos definidos por Santos (2002, p. 158), percebe-se que “difícil é discutir sobre a idade social do objeto. O envelhecimento moral depende de um jogo de fatores que não é conhecido *ex ante*, somente *ex post*”. Já que a grande questão que se coloca é que as formas, por mais que sejam reveladoras dos sinais do tempo, funcionam apenas como uma leitura da linguagem dos objetos, e nesse sentido, estaria ainda aleijada das observações e considerações pertinentes às estruturas, aos processos e às funções existentes na dinâmica e “capacidade” de existir das coisas no espaço.

Os objetos são resultado de um processo de construção social que tem uma data de validade e um período de fabricação, e integram uma rede no espaço. Essa rede se configura a partir de uma série de nexos que também têm significados e significâncias sociais. E, essa

---

<sup>10</sup> A mudança em um objeto vem das diferentes relações que mantém com os diversos elementos (Ibidem, p. 156).

<sup>11</sup> O objeto tem a idade da técnica que lhe deu origem, mas a idade expressa em termos absolutos é a idade do objeto fora do contexto (S. Alexander apud Santos, 2002, 1963. p. 12).

rede se justifica através dos eventos<sup>12</sup>, pois, esses forjam as conexões dos/entre os objetos. Essa conexão e inter-relação dos objetos com o espaço só pode ser justificada quando se percebe que o tempo é o elemento que interage com o objeto empiricizando-se<sup>13</sup>.

O mundo em movimento supõe uma permanente redistribuição dos eventos, materiais ou não, com uma valorização diferencial dos lugares. A base mesma da Geografia é que o mundo está sempre se redistribuindo, se regeografizando. Em cada momento, a unidade do mundo produz a diversidade dos lugares (SANTOS, 2002, p. 158).

E essa diversidade evocada é apreendida a partir de uma coexistência de símbolos, ações, matérias, energia e informação que definem e redefinem as mais diversas escalas de ação dos eventos e seus efeitos nos objetos, fazendo assim com que a dinâmica e a valorização das coisas passem constantemente por um processo de releitura social.

O espaço e os elementos que o compõe são em sua essência contraditórios e dispare, e essa essência conflituosa é que gera um equilíbrio dinâmico dos elementos, e assim estes se apresentam à realidade de uma maneira, mas podem a qualquer momento, por força de alteração de uma variável, se transformar completamente. Assim, se o mundo fosse representando a partir de um plano cartesiano a diacronia e a sincronia dos elementos estaria esquematizada a partir de dois eixos: o eixo da sucessão<sup>14</sup> e o eixo das coexistências<sup>15</sup>.

Esses efeitos de sucessão e de coexistência permitem que as ações tenham uma significação social e que elas possam ocorrer ao mesmo tempo em diversos lugares ou de diversas formas em um mesmo lugar. Essa condição é real e pode ser percebida a todo o instante, como lembra Santos (2002, p. 159), “no espaço geográfico, se as temporalidades não são as mesmas, para os diversos agentes sociais elas, todavia, se dão de modo simultâneo”. Essa simultaneidade permite que o espaço seja uma coexistência de ações (eventos), temporalidades e materialidades, ou seja, todos os conjuntos dos sistemas de ação e dos sistemas de objetos<sup>16</sup> interagem se complementando ou se excluindo de maneira contraditória e/ou harmônica para formar o plano material de reprodução da vida, e ele está preso às leis de existência. Sendo assim, o espaço assume ora características de pujança e

---

<sup>12</sup> (...) “a conexão existente entre os objetos é dada pelos eventos” (SANTOS, 2002, p. 158).

<sup>13</sup> (...) “o tempo se fazendo empírico para encontrar os objetos” (Ibid, idem).

<sup>14</sup> (...) “em cada lugar, os sistemas sucessivos do acontecer social distinguem períodos diferentes, permitindo fatos hoje e de ontem” (Ibid, p. 159).

<sup>15</sup> (...) “o tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social não são os mesmos” (Ibid, idem).

<sup>16</sup> O espaço é a ordem das coexistências possíveis (Ibidem).

modernidade, ora assume, com o passar do tempo, o perfil das estruturas em processo de envelhecimento.

A condição da realização da vida está cada dia mais presa a um mundo mediado pelas “coisas”; pelos objetos. Este mundo “coisificado” está cada dia mais envolvendo as pessoas. É como se o mundo não estivesse mais sendo produzido como necessidade de realização da vida humana, senão como uma grande prótese que necessita se atualizar constantemente para buscar justificativas para sua permanência.

Assim, os objetos assumem nesse cenário uma supervalorização, fazendo o filósofo Jean Baudrillard (1970, p. 18) afirmar que “vivemos o tempo dos objetos”. E o mesmo Baudrillard resume que “os objetos se tornaram os atores do mundo como se apresenta atualmente”. Esse mundo vivido pelo prisma do objeto reflete um simulacro social, é como se a ciência e a técnica vivessem sobre os auspícios de um mundo construído a partir de uma realidade alheia à vida das pessoas.<sup>17</sup> É como se os objetos e as coisas que têm importância fossem elementos de uma realidade fraudada, que não reflete o sentido social, senão apenas a força da imagem de um grupo hegemônico. Então, além de vivermos o tempo dos objetos, vivemos também sob o ritmo deles e o seu jogo constante de sucessão<sup>18</sup>.

O que difere o tempo presente e o seu quadro técnico de objetos do tempo anterior é que hoje os objetos ganharam uma importância “viva”. Assim, os objetos técnicos de todas as ordens assumem um papel de controle na realização da vida e com isso, a cada dia substituímos, muitas vezes, o contato com os amigos e a família por horas compartilhadas com objetos que fazem com que vivamos cada vez mais presos à lógica da simulação da realidade<sup>19</sup>. “Ante a banalidade e o mistério da técnica atual, o objeto técnico é inspirador de

---

<sup>17</sup> O encarceramento do objeto científico é igual ao dos loucos e dos mortos. E da mesma maneira que toda a sociedade está irremediavelmente contaminada por este espelho da loucura que ela entregou a si própria, a ciência não pode senão morrer contaminada pela morte deste objeto que é o seu espelho inverso. Aparentemente é ela que o domina, mas é ele que investe em profundidade, segundo uma reversão inconsciente, dando apenas respostas mortas e circulares a uma interrogação morta e circular [...] assim, toda a ciência e técnica se mobilizaram recentemente para salvar a múmia de Ramsés II, depois de a terem deixado apodrecer durante algumas dezenas de anos no fundo de um museu. [...] Ramsés não significa nada para nós, apenas a múmia é de um valor incalculável, pois é ela que garante que a acumulação tenha um sentido. É toda a nossa cultura linear e cumulativa que se desmorona se não pudermos armazenar o passado à luz do dia. Para isso é preciso fazer sair os faraós da sua tumba e as múmias do seu silêncio. (BAUDRILLARD, 1981, p. 17-19).

<sup>18</sup> É assim [de acordo com o ritmo dos objetos] que o espaço está sempre mudando em sua fisionomia, em sua fisiologia, em sua estrutura, em suas aparências e em suas relações (SANTOS, 2002, p. 213).

<sup>19</sup> Encontra-se a mesma perspectiva citada em Santos (2002, p. 214) tomando emprestadas as palavras de Attali (1981) em que se discute que “a grande distinção entre o hoje e o ontem, é que antes os objetos eram poucos numerosos, viviam em comunhão conosco e nos eram subordinados – objeto-vivo”.

metáforas” e elas assumem diversas facetas se incorporando à vida cotidiana<sup>20</sup>, forjando necessidades penetrando na vida como se assumisse a função de um ente e por isso Sartre lembra que o “*objeto* atual é um objeto que se tornou sujeito”.

Ao mesmo tempo em que a condição moderna da sociedade colocou o objeto técnico quase como um “membro” da família, o sistema técnico estabeleceu prazo de validade de circulação aos mesmos. Assim, com o tempo os objetos que assumiam o lugar central da atenção das pessoas são postos em segundo plano em função do lançamento de um novo modelo, ou entram em desuso pela incapacidade de receber novas atualizações. Essa condição revela um mundo ao mesmo tempo dinâmico e descartável em que as permanências são quase tão efêmeras, quanto à valorização do antigo. Estabelece-se, então, a substituição do funcional, tomando, o belo, o seu lugar.

Não raro é percebida uma dimensão de “concretude” aos objetos técnicos, eles não mais imitam a natureza, mas querem assumir o seu lugar, estabelecem-se, então, como uma sofisticação da força criadora, pois, diferente do quadro natural, o fruto da *technè* não se apresenta alheio às vontades ou aos desejos da força criadora, mas, o transforma naquilo que ele não pode ser e assim a *technè* torna possível as vontades e os desejos de produção dos humanos.

O conflito entre a técnica e a “força criadora”, ainda que se caracterize com ênfase em bases filosóficas e conceituais, encontra fácil aplicabilidade no mundo prático e inteligível, pois, a configuração do modo de produção que a sociedade tem estabelecido para os objetos técnicos inverte consideravelmente o papel daquilo que seja eminentemente natural<sup>21</sup>, mesmo que a força da natureza seja o ponto de criação e o de finitude de todas as coisas no mundo, ela não garante que os processos de criação de novos elementos sejam conduzidos pelas regras da natureza.

Quanto mais sofisticada é a elaboração dos objetos técnicos, mais eles se apresentam como condicionados a um sistema<sup>22</sup>, e esse viés sistêmico conduz o objeto a ser produzido em cadeia para responder uma finalidade, um código informacional que carrega<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> Hoje, vivemos juntos com os objetos técnicos, eles se apoderam do nosso cotidiano, mas com eles nossa interação é prática, mas não profunda (SANTOS, 2002, p. 214).

<sup>21</sup> (...) “os objetos naturais respondiam às questões de outros objetos naturais, mediante troca de energia em estado bruto” (SANTOS, 2002, p. 220).

<sup>22</sup> Esses objetos polivalentes [os naturais e os primeiros objetos naturais] constituíam um sistema a partir de sua disponibilidade para um uso social. Era a partir de escolhas sociais, que eles se tornavam sistêmicos. A noção de poder e de escassez era ligada a essas escolhas.

<sup>23</sup> Atualmente os objetos tendem a se dar cada vez mais como sistemas, ao mesmo tempo em que, a cada dia que passa, eles se vão formando objetos técnicos (SANTOS, 2002, p. 220).

É sob a luz transformadora da função do mundo técnico na formação dos objetos, e do mesmo como condição para a formação, articulação e definição dos territórios, que se pode afirmar com cuidado que a organização espacial da vida humana obedece às condições do sistema técnico vigente.

É consenso que a condição atual dota o mundo moderno como o primeiro na história que está sob a égide de um único sistema técnico<sup>24</sup>, e assim, esse sistema unitário tem a capacidade de reger a atividade dos humanos, com isso afirma-se que todos estão presos às mesmas regras do jogo, não importa se estamos mais próximos dos centros financeiros ou mais afastados deles, todos se submetem aos mesmos padrões de ação de um sistema técnico<sup>25</sup> que tem como condição de existência o seu caráter invasor<sup>26</sup>.

Os espaços, então, assumem no seu tecido “fundamental” a técnica, os objetos técnicos e os sistemas técnicos como a grande “verdade” criadora e definidora de padrões, e com isso, o jogo da simulação se configura no tecido social fazendo com que a relação forjada entre objetos e construção social seja reveladora de um caminho “positivo” e que precisa ser seguido indiscutivelmente.

A criação do mundo se torna refém do espetáculo denunciado por Debord (1991) que “apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é «o que aparece é bom, o que é bom aparece»”.

Reassume-se a postura de que o mundo é construído com base em elementos que se transformam cotidianamente e que se renovam gerando ao mesmo tempo uma quantidade enorme de material ultrapassado, pois, se a tecnologia e os objetos técnicos necessitam constantemente serem discutidos, então o seu envelhecimento assume o mesmo ritmo. Afinal de contas para o espetáculo ser montado ele precisa de bases sólidas e os instrumentos têm que obedecer às reivindicações mais urgentes do imaginário social de tecnologia e avanço técnico.

Os objetos preexistentes vêm-se envelhecidos pela aparição dos objetos tecnicamente mais avançados, dotados de qualidade operacional superior. Desde modo, cria-se uma tensão nos objetos do conjunto, paralela à tensão que se levanta, dentro da sociedade, entre ações hegemônicas e ações não-hegemônicas. A situação é diferente daquela do passado, onde as ações de um nível inferior não eram obrigatoriamente hegemônicas. Agora há uma clara hierarquia daquelas ações que se instalam em objetos

---

<sup>24</sup> É a primeira vez na história do homem em que há apenas um sistema técnico regendo toda a atividade humana (Ibidem, p. 221).

<sup>25</sup> O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu *instrumento de unificação*. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo *separado*, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada (DEBORD, 1991).

<sup>26</sup> Nunca na história do mundo houve um subsistema de técnicas tão invasor (SANTOS, 2002, p. 221).

igualmente hierarquizados. Mas esse processo não é técnico, ele é histórico (SANTOS, 2002, p. 222).

A questão do envelhecimento dos objetos está indiscutivelmente relacionada à dimensão do valor social atribuído aos objetos técnicos, ao envelhecimento das estruturas e das formas existentes e a superação de padrões tecnológicos. Entretanto, na sociedade atual, o envelhecimento dos objetos está muito mais associado a uma dimensão política do que a uma dimensão técnica dos próprios objetos.

O que se discute então é que a condição de obsolescência dos materiais e o desgaste dos elementos químicos e físicos que compõem os objetos não é o ponto preponderante na análise do envelhecimento. Configuram, indiscutivelmente, uma das etapas do processo de criação e estabelecimento de sinais reveladores desse processo. Mas, não podem ser entendidos como únicos elementos necessários para a diagnose de áreas envelhecidas. É importante analisar o envelhecimento associado à representação social da idade e da vida útil dos objetos<sup>27</sup>. Esses dois elementos em consórcio contribuem para uma análise coerente acerca do processo de envelhecimento das estruturas urbanas.

A denúncia que se faz é que a condição do sistema técnico atual é portadora de uma hiper valorização do novo em detrimento ao velho, ainda que o velho tenha a capacidade plena de exercer a função para a qual foi designado. Assim, o quadro de alienação é configurado plenamente, por que as coisas não são mais utilizadas com base no seu valor de uso, senão são pensadas a partir de parâmetros de competitividade, o valor de troca.

O que conduz a esse envelhecimento rápido do patrimônio técnico que nos cerca é a doutrina e a prática da competitividade. Esta induz a um uso acelerado, e rapidamente substituído de novos “novos-novos” objetos, de novas “novas-novas” formas de organização. Esse resultado imperativo da competitividade faz com que equipamentos e lugares se tornem rapidamente envelhecidos e sejam declarados incapazes ou insuficientes para tornar novos esforços úteis (SANTOS, 2002, p. 222).

Monta-se junto à necessidade do novo e a busca incessante dos padrões de competitividade um mundo em que as pessoas são colocadas em segundo plano, pois, o poder de decisão e da escolha do que consumir, do como consumir já foi retirado de seu controle há muito tempo.

---

<sup>27</sup> Outra história, menos preocupada com a velocidade e com a rapidez das mudanças, permitiria que a vida útil – do ponto de vista econômico e social – dos objetos fosse maior. Não é a técnica em si que leva ao envelhecimento rápido das situações, mas a política. Desse modo, podemos conceber como velhos, objetos recentes e que instalamos recentemente (SANTOS, 2002, p. 222).

### 3. A TÉCNICA COMO ELEMENTO DA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO: OS NEXOS EXISTENTES NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DO URBANO

A técnica, desde a sua origem, é entendida como a capacidade de fazer; transformar; é aquilo que torna a vida humana uma criação, uma obra dele próprio. É com a técnica enquanto *poièsis*<sup>28</sup> que o mundo é transformado; é com essa condição que o homem estabelece um hábito criador de caminhos<sup>29</sup>, como lembrou Castoriadis (1997). Então, a força de criação da técnica recebe como sentido de influência a mesma origem do poder de criação do poeta, ou seja, a capacidade de transformar algo bruto em um produto sofisticado e com uma finalidade objetiva.

(...) “numerosos são os terríveis, mas nenhum mais do que o homem” [demonstra] a potência humana de fazer manejar, fabricar no plano material e criar, inventar, instituir no plano não-material. Se “o princípio do ser e do advir se encontra no criador e não no criado”, como diz Aristóteles a respeito da *technè*, a única revelação de que possa ser questão é a revelação do produtor enquanto origem do ser e do advir. É mais ou menos o que Marx dirá vinte e três séculos mais tarde. Mas, Aristóteles não é Marx [...] a idéia de criação, *poièsis* e *technè*, permanece necessariamente no primeiro ambígua e enigmática; a frase da Física citada poderia ser muito bem traduzida: “A *technè* (...) arremata (*èpitèlei*) o que a natureza não tem condições de elaborar até o fim (*apergazesthai*)”. Em todo caso, o fazer criador fundamenta-se em dois pressupostos: há o possível, o mundo não está esgotado pelo *anankè*; e há logos *alèthès* (digamos: verdadeira razão; e a ausência de arte, a *atechnia*, está explicitamente ligada por Aristóteles aos logos *pseudès*, à razão falsa). Esses dois pressupostos estão longe de não serem relacionados: é evidentemente o logos *alèthès* que percebe que uma coisa poderia ser ou não ser, advir ou não, e num outro nível, que conhece não só o o-que mas o por-que, permite que o agir que esclarece coloque na relação apropriada os protéras e hystéras, os antecedentes e os conseqüentes cujo modelo, ao mesmo tempo geral e específico da produção considerada, ele encontra na *physis*. Mas, se a *technè* efetua o que a natureza está na impossibilidade de realizar, isso já era produzido pelo *endéchoméion*, portanto é atualização não natural do possível e que não pode não ser natural, por intermédio deste agente particular, o homem, cuja *physis* própria contém precisamente a virtualidade de atualizar o virtual da *physis* em geral. (CASTORIADIS, 1997, p. 298-299).

---

<sup>28</sup> (...) do sentido da habilidade apropriada e eficaz a partir de um sentido de fabricação, convém constatar o resgate, infinitamente mais lento e incerto até o fim, a partir do “fabricar” material, do conceito de criação (*poièsis*) ao qual finalmente Aristóteles ligará a *technè* [...] Platão é que primeiro dará a plena determinação da *poièsis*: “causa que, qualquer que seja a coisa considerada, faz passá-la do não-ser ao ser” de tal modo que “os trabalhos que dependem de uma *technè*, qualquer que seja, são *poièsis* e seus produtores são todos poetas (criadores)” (CASTORIADIS, 1997, p. 296).

<sup>29</sup> O hábito criador de caminhos é apresentado por Castoriadis (1997, p. 296) como sendo uma *hexis hodopoiètikè*

O conflito entre a *physis* e a *technè* constrói cotidianamente um arranjo territorial, uma *poièsis* específica e particular que está indubitavelmente vinculada às heranças culturais dos grupos sociais, e isso fazia com que Santos (2002, p. 171) afirmasse que “as características da sociedade e do espaço geográfico, em um dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas.” Esse estado das técnicas é revelador de um conjunto transformador e construtor da realidade, além disso, o estado das técnicas é o denunciador do estado das coisas no espaço, ou seja, a qual ordem de valores as coisas estão conectadas.

À luz dessas constatações é possível perceber que para se entender o estado de conservação dos objetos vinculados aos espaços e para entender as nuances existentes entre as formas da organização do mundo construído e do mundo vivido é preciso ter claro como se estabelece o conhecimento dos sistemas técnicos.

Contudo, o que está em evidência não é apenas a materialidade imediata desses sistemas técnicos, mas, como estes se estabelecem numa cadeia sucessiva, pois assim decompõe-se a estrutura, o funcionamento e a articulação de todos esses sistemas técnicos com o território ao longo do tempo podendo assim atingir uma projeção de como os eventos sucederam até o tempo presente, e como estes se comportaram numa projeção em relação a um futuro próximo, imediato<sup>30</sup>.

Conseqüentemente ao fato de que cada período social está agregado a um período técnico alguns autores classificam fases marcantes de grandes transformações sociais e técnicas, como se pode perceber ao ler o quadro 1, simplificado a seguir.

Quadro 1: **Evolução dos períodos técnicos ao longo da evolução da sociedade (simplificado)**

<b>Autores</b>	<b>J. Attali (1982); J. Rose (1974)</b>	<b>Ortega y Gasset (1939)</b>	<b>L. Mumford (1934)</b>
<b>Períodos técnicos</b>	Técnica do corpo – revolução neolítica	Técnica do acaso – não há método (técnica dos antigos (Heidegger) – não ciência).	Técnicas intuitivas – utilizam “água e vento” até 1750.
	Técnica das máquinas – revolução industrial	Técnica do artesão – pouca coisa consciente; destreza e não ciência.	Técnicas empíricas – utilizam “ferro e carvão” até 1900.
	Técnica dos signos – revolução cibernética	Técnica do técnico ou do engenheiro – tecnologia; estudo consciente; técnica dos mais modernos – nascimento do método analítico moderno.	Técnicas científicas – eletricidade e ligas metálicas até hoje

Fonte: Adaptado a partir de Santos (2002, p. 172)

<sup>30</sup> (...) o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos é essencial para o entendimento das diversas formas históricas da estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albores da história até a época atual (SANTOS, 2002, p. 171).

Cada vez mais a sociedade se configura como o lócus da inovação, e com isso a sociedade urbana representava a ponta desse processo, pois, o signo do desenvolvimento estava nos objetos artificiais e na capacidade dos mesmos realizarem tarefas<sup>31</sup>.

Entretanto, é através da máquina que a técnica encontra o significado e materialidade de sua existência, para o grupo social, e como marco para essa contagem do tempo tem-se a revolução industrial<sup>32</sup>.

A maioria dos pensadores modernos enxerga à evolução da sociedade e das técnicas apresentadas em três níveis bem claros e que tomam como ponto de partida a revolução industrial, assim a tecnologia é, inicialmente, marcada pelo advento da máquina a vapor, o que causou uma reforma em todos os processos de relação dos humanos com os sistemas naturais, em seguida apresenta-se o estágio da eletricidade e mais recentemente a automação<sup>33</sup>.

Como uma estratégia de existência ou até mesmo como condição do meio ao qual a técnica é desenvolvida, é necessário que elas sejam encadeadas num sistema que funciona de maneira integrada, o que revela a solidariedade dos sistemas e essa solidariedade exhibe uma ordem sistêmica de organização das ações que revela traços de um tecido cultural e cronológico. Com isso, fica fácil entender que “a vida das técnicas é sistêmica e sua evolução também o é” (op. Cit., p. 176).

Os sistemas técnicos para existirem pressupõem um arsenal que está organizado também de maneira sistêmica, o que evoca a dimensão cíclica que está condicionada à coexistência da técnica. É como se cada elemento estivesse encaixado num conjunto específico de outros elementos, e isso provoca a produção sistemática e ordenada de encaixes para esse conjunto técnico<sup>34</sup>. Quando os elementos desse sistema começam a ser substituídos e os encaixes não se estabelecem de maneira coerente, todo o sistema técnico reivindica alteração, “cada etapa vencida no progresso técnico supõe a produção paralela de rigidezes, levando a novas disfunções e à emergência de novas invenções que, por sua vez, são erigidas em sistemas” (SANTOS, 2002, p. 176).

---

<sup>31</sup> A história dos instrumentos artificiais utilizados pelo homem pode ser simplificada em três palavras: “ferramenta, máquina, autômato” (SANTOS, 2002, p. 172).

<sup>32</sup> O papel que as técnicas alcançaram, através da máquina, (...) a partir da revolução industrial, faz desse momento um marco definitivo (...). Por isso é frequente iniciar com essa data a periodização da história da técnica, confundindo-a com a história do maquinismo (Ibidem).

<sup>33</sup> Para Hanna Arendt (1958, 1981. p. 160-162), três são os estágios do desenvolvimento da tecnologia desde (a revolução industrial): o da máquina a vapor, com a imitação de processos naturais e onde a grande novidade foi a descoberta das minas de carvão; o da eletricidade; e finalmente, o da automação (Ibidem, p. 173).

<sup>34</sup> As técnicas estabelecem entre elas relações de dependência e o seu desenvolvimento histórico “multiplica o número de inter-relações” (J. Perrin, 1988. p. 28, apud Santos, 2002).

A característica marcante do sistema técnico atual está pautada no que David Harvey (1994) já apontava quando tratou da condição pós-moderna e da emergência do sistema de acumulação flexível baseado em um modo de produção também flexível em que as fronteiras do Estado-nação não são obedecidas com rigor físico definidor de barreiras e impedimentos. A sociedade técnica também se organiza com base em um sistema “flexível, auto-regulado, de máquinas polifuncionais, utilizando meios de circulação materiais e imateriais (informacionais), descentralizados e interativos (telemática em redes)” (SANTOS, p. 177).

O mundo telemático e em processo de virtualidade tem como força de impulsão uma estrutura composta em macrossistemas que compõem o tecido aglutinador das ações e forjam uma rede de poder que exerce influência direta na produção do espaço, das materialidades e do conjunto social. Surge como fonte de reprodução da vida e como necessidade imanente do conjunto técnico atual uma miríade de possibilidades de novos produtos.

Acompanhando a tendência da nova condição dos sistemas técnicos e a conseqüente criação de novos produtos e novas demandas sociais é indispensável apontar para o tempo em que essas “novidades” se enraízam, pois, quanto mais telemática, fluída e global a sociedade se torna, mais rápidos estão sendo os processos de difusão e penetração dessas inovações no tecido social, como pode ser percebido a partir do quadro 2 que segue abaixo:

**Quadro 2: Época da implantação tecnológica e tempo de aceitação pública até o pós 2ª grande guerra**

<b>Implantação da inovação tecnológica</b>	<b>Aceitação pública (inovação - difusão)</b>
Início do século XX	37 anos em média
Entre as duas grandes guerras	24 anos em média
Depois da segunda guerra	14 anos em média

Fonte: (SANTOS, 2002, p. 178)

Esse quadro de difusão da inovação é fundamental para entender o fundamento do período técnico em que se vive e a força da revolução industrial, em menos de 100 anos a difusão e aceitação pública dos elementos técnicos assumiu uma velocidade estonteante, e isso é reflexo e condição *sine qua non* de um mundo mediado pela força “inovativa” que transforma tudo, e muda toda a base de produção ou simplesmente define algo como novo ou velho, dependendo do conjunto técnico que está inserido no processo de produção das coisas.

*Ipsa facto*, vive-se em uma era da inovação galopante<sup>35</sup> em que a velocidade de difusão não é mais essa apresentada no quadro acima, os processos são, ainda, muito mais acelerados, o ritmo da vida urbana contemporânea revela uma justaposição de temporalidades, materialidades e até de abstrações, ou seja, a sociedade vive o cotidiano como se existissem diversas lâminas de influências que além de se justaporem, se sobrepõem e montam um quadro complexo do real<sup>36</sup>.

O processo de envelhecimento que nada mais é do que a presença material de um tempo social anterior se estabelece através de uma “espacialização que desrespeita os laços solidários e cria outros” (SANTOS, 2002, p. 166).

A técnica, os espaços construídos pelas técnicas, os laços e vínculos estabelecidos pelos sistemas técnicos, os sistemas de ação, o acontecer solidário e seus matizes, os sistemas de informação e os diálogos estabelecidos entre todos esses elementos constroem uma materialidade como essência que tem a capacidade de se auto-reproduzir cotidianamente, quer seja pela força dos eventos, quer seja pelas estruturas superiores e verticais que a forjam.

Essas dinâmicas, vetorizadas pelas ações da inovação, elaboram um mundo em que a vida se estabelece com prazos de validade em que a técnica marca a idade dos objetos e do mundo construído, e os humanos, em consonância com as diretrizes elaboradas e impostas por esse sistema, elaboram estruturas mentais de valor, hierarquia e desenvolvimento que são abastecidas pelo ideário do progresso ilimitado mediado pela força de inclusão concatenada pelo poder do capital e pelos processos metabolizados a partir dessa lógica, o que cria área de forte interesse social e econômico e desprivilegia outras, conduzindo assim a gestão dos espaços *pari passu* às tendências de inovação e inclusão em tempo real.

Associado a isso tem a formação de espaços de exclusão formados pela contraposição e como efeito colateral desse ideário desenvolvimentista, o que reforça a existência de uma dinâmica de envelhecimento das estruturas urbanas que anteriormente estavam inseridas nas engrenagens dessa “grande máquina” que por motivos diversos não representam mais os interesses dos centros de controle, criando assim, no espaço urbano,

---

<sup>35</sup> A rapidez com que geograficamente se difundem as tecnologias do presente período mostra-se ainda maior quando a comparamos com o que o mundo conheceu nessa fase anterior. Era, então, um processo gradual de difusão, enquanto em nossos dias esse processo é brutal. Paralelamente, as novas tecnologias envolvem muito mais gente e colonizam muito mais áreas. [...] a mecanização parou na plataforma da estrada de ferro, enquanto o rádio e a televisão penetram no coração dos países, estão presentes nos lugares mais ermos e invadem nossas casas. (SANTOS, 2002, p. 179).

<sup>36</sup> A era da telecomunicação é criada pela convergência tecnológica e a coalizção telemática que saiu vencedora frente à coalizção postal-industrial. Assim, a era da telecomunicação é baseada na combinação entre a tecnologia digital, a política neoliberal e os mercados globais (SANTOS, 2002, p. 183).

zonas que se fragmentam<sup>37</sup>, perdem o sentido de continuidade e são levadas para a condição de obsolescência/envelhecimento destes fragmentos em relação ao tecido urbano.

É só com o entendimento do sentido primeiro da técnica e das suas formas de difusão e materialização no espaço que é possível desvendar os nexos de construção do espaço urbano e conseqüentemente as variáveis que justificam o envelhecimento das estruturas urbanas no espaço.

Um exemplo claro, dentre tantos outros possíveis, é o projeto para a criação de um bairro inteiro na cidade do Recife, que irá se chamar Novo Recife (ver figuras 1 e 2), com base na justificativa de que todas as estruturas urbanas vinculadas a uma área antiga que servia de armazém para os produtos que circulavam do porto do Recife para as zonas de distribuição e vice versa já não servem mais para a cidade, tornando aquele fragmento do tecido urbano como uma área de alto grau de obsolescência. Já está no imaginário coletivo do recifense de que a antiga zona portuária da cidade precisa passar por um processo de renovação e investimento de capital público e privado.

No entanto, o projeto Novo Recife parece que vai agir exatamente no sentido da realização do processo de reprodução do capital na tentativa de reforçar os estigmas de que a área em questão é obsoleta, envelhecida e que a solução para a mesma é a completa transformação de seu uso, que tem que está de acordo com o projeto de um Recife preparado para uma nova realidade econômica e social ao qual o Brasil tem se filiado nos últimos anos.



Figuras 1 e 2: **Representação da situação atual da área do projeto Novo Recife e representação gráfica de como ficará após a intervenção**

Fonte: Diário de Pernambuco, Recife, 24 de fevereiro de 2013, n° 055

---

<sup>37</sup> O espaço aparece como mercadoria, apesar de suas especificidades, produzido e vendido enquanto solo urbano, cujo conteúdo escapa aos indivíduos, posto que submissos à troca e à especulação — uma troca que se autonomiza em relação ao uso num processo de produção assentado na propriedade privada da terra que gera a apropriação diferenciada do espaço por extratos diferenciados da sociedade. Com isto transforma-se, constantemente o lugar e produz-se o estranhamento do lugar com através da perda das referências (CARLOS, 2007b, p. 36).

Ao recorrer para percepção dos sinais adaptados do conceito de Heidegger, é possível classificar essa área como velha/obsoleta, uma vez que apresenta um alto grau de deterioração das estruturas dos prédios, dos materiais que os compõe, do alto grau de abandono, da subutilização, da falta de manutenção entre outros elementos, mas ao resgatar a importância histórica desse fragmento é possível perceber que em época diferente do presente essa área representava uma das maiores modernidades da cidade do Recife, a linha férrea conectada aos armazéns evidencia a dinâmica que antes existia e a velocidade dos processos agregados. Instala-se uma contradição entre o valor de uso e o valor de troca, além de suscitar uma discussão sobre aquilo que tem valor de patrimônio e em última instância é possível discutir sobre os sentidos da reprodução do espaço urbano.

No entanto, o projeto Novo Recife parece que vai agir exatamente no sentido da realização do processo de reprodução do capital na tentativa de reforçar os estigmas de que a área em questão é obsoleta, envelhecida e que a solução para a mesma é a substituição completa de suas características antigas. E assim se alinha uma necessidade do capital agir como deflagrador da renovação urbana e da implantação dos sinais de juventude que agregam valor e desconsidera a construção coletiva do urbano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sociedade moderna parece ser o resultado de um conjunto de fetichizações que levam inexoravelmente para a reprodução do que seja produtivo e jovem, sendo relegada ao processo de envelhecimento a associação direta à obsolescência. Isso se dá no nível do indivíduo, mas também no espaço, notadamente no espaço urbano, como apontado durante toda a discussão presente neste artigo.

Do ponto de vista da Geografia, faz-se imprescindível entender os processos para além das metodologias que abarcam apenas o mundo aparente, sem as desconsiderar do processo. Uma vez que os elementos oníricos estão sendo capturados pelo processo de reprodução do capital chegando até as relações de produção e invadindo a vida cotidiana das pessoas. Neste sentido, o mundo moderno está o tempo todo tensionado e tensionando a emergência de uma sociedade do espetáculo, conectada com um meio técnico, científico e informacional. Esta condição expõe a reprodução da vida a sistemas técnicos e a objetos que ficam obsoletos com muita rapidez, legando ao sentido da visão uma importância nunca vista em nenhuma outra época. Assim o valor de troca assume a centralidade na reprodução, tanto

da vida quanto do espaço, tornando o velho sinônimo do atrasado e daquilo que não serve mais, por isso, a produção material humana necessita o tempo todo ser renovada, o que levará inexoravelmente a condição de colapso das estruturas produtivas.

## REFERÊNCIA

- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Galilée, 1981.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**: Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007a.
- \_\_\_\_\_. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007b.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas dos labirintos I**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DE CERTEAU, Michel. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: **Cotidiano, cultura popular e planejamento**. São Paulo: Fauusp, 1985.
- DEBORD, Guy. **Sociedade de Espetáculo**. Lisboa: Mobilis en Móbile, 1991.
- GAI, Eunice Terezinha Piazza. **GOETHE**: vida e obra fáusticas. In: HELFER, Inácio. **Pensadores Alemães dos séculos XIX e XX**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. Dilemas nas (Re)Estruturações das Metrôpoles. In: **Revista Terra Livre**. São Paulo: AGB, 2002.
- \_\_\_\_\_. Agendando velhos reencontros: relações entre os humanos e a natureza nos espaços socialmente produzidos. In: Sposito, Maria Encarnação Beltrão. **Urbanização e cidades**: Perspectivas geográficas. Presidente Prudente: [s.n.], 2001.
- \_\_\_\_\_. **Recortes de paisagens na cidade do Recife**: uma abordagem geográfica. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, ed. Massangana, 2007.
- GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HEBECHE, Luiz. **Remissão e Sinal**: ensaio sobre "Ser e tempo", [s.l]: [s.n], 1999. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/sinal.pdf>, acesso em 20 de fevereiro de 2008.
- HEIDEGGER, Mártir. **Ser e tempo**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HESS, Bernhard. **Methoden zur Abgrenzung von Sanierungsgebieten**. [s.l]: [s.n.], 1975.
- HOLCOMB, B.; BEAUREGARD, R. A. **Spatial targeting vs. political dispersion**: Ramification of Urban Development Action Grants, [S.l]: [S.n], 1981.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A produção do espaço**. Minas Gerais: Grupo de estudos – as "im" possibilidades urbanas (UFMG), 2006.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Relatório Nacional brasileiro sobre o envelhecimento da população brasileira**. Brasília: Divisão de Temas Sociais, 2004.
- MONTE-MOR, Roberto Luís de Melo. **Planejamento Urbano no Brasil: Emergência e Consolidação**. In: **etc...**

**espaço, tempo e crítica.** Nº 1(4), VOL. 1, 15 de junho de 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: EDUSP, 2005.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1991.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

\_\_\_\_\_. **O país distorcido:** O Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Por uma economia política da cidade.** São Paulo: HUCITEC, 1994.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização.** 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

TOLFO, Rogério. Linguagem e mundo: A fenomenologia do sinal em ser e tempo de Martin Heidegger. In: HELFER, Inácio. **Pensadores alemães dos séculos XIX e XX.** Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 2000.

TOMASINI, Sérgio Luiz Valente. Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar. In: **RBCEH**, Passo Fundo, 76-88 - jan./jun. 2005.

VARGAS, Paulo Rogério. Nota sobre a atualidade do passado: Crise do Marxismo sim, e daí? Ou de te fabula narratur. In: HELFER, Inácio. **Pensadores alemães dos séculos XIX e XX.** Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 2000.

WERLEN, Benno. **Zur Ontologie von Gesellschaft und Raum.** Alemanha: Franz Steiner Verlag, 1999

Artigo recebido em 30/01/2013 e aceito em 10/06/2013